

## ROLAND BARTHES: A FRAGMENTAÇÃO SEMIÓTICA DA IMAGEM

Anamaria Skinner

Elegi como ponto de partida desta reflexão algumas afirmações de Eric Marty, o editor das obras completas de Barthes nas edições do Seuil, no artigo “Roland Barthes, o grande mal entendido”. Esse artigo foi publicado na edição de 24 de março de 2000 do jornal *Le Monde* e se encontra reproduzido e discutido em uma página de um site da web dedicada a Roland Barthes, intitulada “Hommage et débat en ligne, mai 2000, Actualité Roland Barthes”. Em linhas gerais, Marty afirma nesse artigo que Roland Barthes pertence à categoria dos escritores difíceis de classificar, pois teria feito do mal entendido com relação a sua imagem um projeto, ao mesmo tempo em que operou uma lenta e sistemática desconstrução de duas figuras para ele mistificadoras de sua época: a do Mestre, a cujo dogmatismo renunciou e a do Intelectual, a que contrapôs a figura do neutro e da alucinação negativa. O outro artigo com que trabalharei, também reproduzido nesta paginada web, é de Antoine Compagnon, “Lequel est le bon?” [Qual desses é ele?], publicado originalmente em inglês, como o título “Who is the real one?”

Um ensaio emblemático de Claude Bremond e Thomas Pavel sobre Roland Barthes leitor de Balzac – *De Barthes a Balzac, Ficções de uma crítica, crítica de uma ficção* –, publicado em 1998, suscitou a criação desse fórum de discussões via Internet. O livro de Bremond e Pavel traduziria o desconforto experimentado por aqueles que hoje se predispõem a tratar, avaliar e amar Roland Barthes.

Determinar de que modo somos contemporâneos, herdeiros e detratores de Roland Barthes, de um Barthes que se tornou um clássico, e cujos escritos, por ironia, fazem parte do programa de concursos para Universidade é a proposta dessa Página de debates on line. “Dentre as questões

levantadas por Barthes, quais são as que deixaram de nos empolgar e, principalmente, quais são as que ainda nos animam?”<sup>1</sup> Em suma, o que significa herdar?

A discussão conduzida na Página privilegia a hipótese de um trabalho de luto no sentido particular que este tem no discurso psicanalítico. Hoje se sabe, Jacques Derrida nos mostrou o caminho em *Espectros de Marx*, que a herança é uma afirmação ativa, seletiva. O recebimento da herança pressupõe um trabalho de luto, pois se ela sempre é a reafirmação de uma dívida, é também uma reafirmação crítica. A responsabilidade pelo gesto de permanecer fiel a um certo Barthes seria a de um herdeiro: o que se vai fazer com essa herança, como se vai operacionalizá-la?

Para responder a essas questões, assumindo a responsabilidade de herdeiros, apresentaram-se Eric Marty, Thomas Pavel, Andy Stafford, Michel Beaujour, Antoine Compagnon, Vera Casanova e muitos outros menos conhecidos.

Uma primeira questão veiculada nesta “Actualité Roland Barthes” é, portanto, das releituras de Barthes que devem ser feitas. “Será que é preciso avaliar, aperfeiçoar e empregar a metalinguagem legada por Barthes; determinar o alcance crítico e ideológico de posições que ele próprio não sustentava por muito tempo, e, por conseguinte, compreender sua estratégia de deslocamentos intelectuais sucessivos? Ou devemos simplesmente glorificar o escritor?”<sup>2</sup>

Antoine Compagnon, no artigo « Lequel est le bon? » é quem primeiro se aventura a responder. – “Eu li muitos Roland Barthes diferentes, nós todos conhecemos inúmeros Roland Barthes – um após o outro e talvez ao mesmo tempo. Quando o apreendíamos ele já estava instalado em outro lugar?” – afirma. Relendo hoje *Sur Racine*, Compagnon lembra-se da célebre

---

<sup>1</sup> Cf: <http://www.fabula.org/appelbarthes.php>

<sup>2</sup> idem

disputa de Barthes com Raymond Picard, e admite que Picard talvez não estivesse de todo errado quando acusava Barthes de falar ainda do autor apesar de suas próprias denegações. Mas o que faz então Barthes, pergunta Compagnon? Quando responde no ano seguinte a Picard, em *Critique et Vérité*, faz como se a questão já estivesse resolvida há muito tempo – “Como se o autor já estivesse morto há muito tempo, embora o seu cadáver ainda estivesse quente.”<sup>3</sup> Compagnon considera o caso no mínimo sintomático e conclui – “Barthes não se sentia obrigado, nem moral nem epistemologicamente a responder às questões que diziam respeito a posições que ele não defendia mais. Entre a publicação dos dois livros, *Sur Racine* e *Critique et Vérité*, o Texto tinha sido inventado e ocupava toda a sua atenção. A textualidade tornou-se uma idéia fixa, depois viria o prazer, depois uma certo retorno do autor e assim sucessivamente”<sup>4</sup>.

Essa reflexão de Compagnon nos remete para a hipótese levantada por Eric Marty em “Roland Barthes, o grande mal entendido”, de que Barthes feito deste mal entendido com relação a sua imagem um projeto. Assim, sabemos de alguma maneira que ele está morto, mas nos perguntamos – quem é Barthes? O que quer dizer Barthes ? Barthes em si ou Barthes para nós? A quem chamamos com esse nome? É ainda Marty quem formula uma hipótese, para além da vida – “Para os escritores talvez a morte não seja uma morada muito lúgubre, estéril e gelada, pois eles encontrariam na vida póstuma a possibilidade de desdobramentos que lhes permitiria ultrapassar as pequenas totalizações que a sociedade titânica gosta de reduzi-los. Barthes foi um após o outro ou simultaneamente intelectual, ensaísta, semiólogo , diletante, sociólogo, terrorista, dandy, homossexual melancólico, impostor, estruturalista, professor do Collège de France”<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Antoine Compagnon, « Lequel est le bon? », op. cit.

<sup>4</sup> idem

<sup>5</sup> Eric Marty, “Roland Barthes, Le grand Malentendu” op. cit

Barthes seria o responsável por esse grande mal entendido, por ter feito dessa relação irônica e indireta consigo mesmo um projeto, que remonta a recusa da literatura que faz em *O grau zero da escritura* (1953) quando afirma que a literatura perdeu definitivamente a sua inocência, e que não se pode esquecer isso, e escrever como antigamente. Como se sabe, Barthes dizia “que era preciso deter o movimento inteligente em benefício de uma volúpia mal distribuída”<sup>6</sup>; ou seja, caso escrevesse um romance ficaria pouco à vontade, uma vez que o uso da linguagem que se faz no romance (a terceira pessoa, o *passé simple*, o nome próprio) pertencem a um código completamente desgastado. Mais tarde, paradoxalmente, Barthes apontaria uma saída para esse impasse que não seria outra senão a própria literatura. Ele reconhece que dentre todas as linguagens, a escritura, ou seja, “o trabalho de enunciação a partir do modelo literário, ainda é o discurso onde há menos ideologia, porque é o discurso onde há menos arrogância e impostura. A escritura não se põe sob a instância da verdade, ela é o engano assumido, a ilusão, a ficção a arte e por isso finalmente ela mente menos do que um discurso que tem a pretensão dogmática à verdade”<sup>7</sup>.

Quando, em 1975, escreve **Roland Barthes por Roland Barthes**, compreende que deveria aproveitar a ocasião para encenar a relação que guardava para com a sua própria imagem, com o seu imaginário, que é um imaginário de idéias, pois sua obra é de um ensaísta, afirma em entrevista. Mais adiante, na mesma entrevista, afirma que dentre as muitas particularidades específicas desse livro, usa algumas vezes a primeira pessoa (eu); às vezes, a terceira, quando não se chama apenas de R.B. Admite que a roleta das pessoas gramaticais (eu, ele, R.B.) produz efeitos diversos, variáveis de acordo com os leitores. Cita como exemplo, o fato de dizer “ele” falando de si próprio, que pode ser recebido como ênfase, distanciamento ou privação, mas a que

---

<sup>6</sup> Roland Barthes. *O grau zero da escritura*

<sup>7</sup> Roland Barthes, *Oeuvres complètes de Roland Barthes*, Paris: Seuil, 1993-95, p.1065

não renunciou, pois o uso do “ele” lhe permitiu criar uma certa distância em relação ao que dizia e tratar a si mesmo como um personagem de romance. Assim, numa mesma entrevista, Barthes se define a um só tempo como ensaísta e personagem de romance.

De acordo com Marty, Barthes tinha uma consciência aguda desses mal entendidos embora fizesse deles uma estratégia. E no caso específico de *Roland Barthes por Roland Barthes*, ele via bem todo o risco de complacência egótica a que poderia levá-lo uma forma de escritura autobiográfica como a desse livro.

Em contrapartida, sabe-se também que a recepção de uma obra singular se confunde com a seqüência de mal entendidos que ela enseja. Assim, escrever sobre uma obra é em primeiro lugar denunciar um ou mais enganos cometidos por aqueles que a leram antes e em seguida pretender desfazer esses equívocos correndo sempre o risco de criar outros. Alguns desses mal entendidos são hoje célebres. É comum dizer que Voltaire não entendeu nada de Pascal, nem Sartre de Baudelaire, nem Lênin de Marx. Ao que Pavel e Bremond acrescentam – nem Barthes de Balzac. A obra de Pavel e Bremond, que ensejou a criação desse fórum na Internet, tenta demonstrar isso.

Uma das críticas dirigidas por esses autores a Barthes é de que as letras SZ não aparecem juntas em nenhuma palavra do conto de Balzac “Sarrasine”, analisado por Barthes no livro do mesmo nome. Marty, respondendo a Pavel e Bremond, considera que para além do projeto oblíquo de falar sobre Balzac, Racine, Sollers ou Proust, há a relação indireta de Barthes consigo mesmo. Segundo Marty, se as letras SZ ‘curiosamente’ não aparecem juntas em nenhum momento do conto de Balzac, em contrapartida elas revelam o mitograma da própria biografia de Barthes, como em uma narrativa cifrada de Borges ou de Pérec. **SZ** são as duas consoantes de apoio do nome do homem que foi depois da morte de seu pai o companheiro de sua mãe: **Salzedo**. Mãe, a cuja morte Barthes não sobreviveu.

E, finalmente, tendo admitido que Barthes fez do mal entendido com relação a sua imagem um projeto, o artigo de Marty aponta dois momentos em que o mal entendido exasperava Barthes. Com relação à imagem do Mestre e do Intelectual a que era identificado, Barthes operou uma desconstrução lenta e sistemática de suas figuras, pois as considerava mistificadoras. Renunciou ao dogmatismo do Mestre, e abandonou, especialmente por ocasião da volta de sua viagem à China, a do Intelectual. Nessa ocasião, a violência de seu afastamento significava que entendia ter chegado ao fim a missão histórica do intelectual. A essas figuras, Barthes contrapôs a figura do neutro, optando pela suspensão do sentido, pelo inesperado. – “O neutro: Não é uma falta de compromisso sistemático, um retiro. É a busca de novos modos de compromisso, não usuais. Um engajamento descontínuo, inesperado. O neutro é, entre outras coisas, o tempo do ainda não, como uma travessia, como um tempo suspenso, como uma máscara, uma tela contra uma certa angústia.”<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Roland Barthes., op.cit, p.